ISSN: 2358-8829

# APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE NO CONTEXTO DA ESCOLA RURAL

Jennifer Leiroz da Costa [1]

## INTRODUÇÃO

Alfabetizar crianças significa muito mais do que apresentar letras, sílabas e palavras de maneira descontextualizada: o processo de apropriação da linguagem escrita ocorre em meio às experiências sociais e culturais dos sujeitos. Em uma escola da zona rural, essa etapa ganha especial relevância, pois as crianças trazem conhecimentos construídos em suas famílias, comunidades e atividades cotidianas. O presente trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida pela própria autora, professora de uma turma multisseriada de 1º e 2º anos na Escola Municipal Padre José Eugênio Correa, zona rural de Rio Preto, Minas Gerais, cuja base foi a aplicação do pensamento de Paulo Freire à escola do campo, com destaque para o uso de palavras geradoras extraídas do cotidiano dos estudantes.

A escolha por essa abordagem veio através da constatação de que boa parte do material didático disponível às turmas rurais toma como referência vocabulários tipicamente urbanos, distantes da vivência das crianças do campo. Buscou-se dessa forma construir uma prática de alfabetização que aproximasse o conteúdo escolar da realidade dos alunos, partindo de palavras que já faziam sentido para eles, como cavalo, roça, curral, chuva, mato, montanha, lama, barro, estrada, capim, galo, galinha, porco, fazenda e sítio, em vez de metodologias descontextualizadas e sem significado para os alunos.

O objetivo deste trabalho é relatar e discutir essa experiência, refletindo sobre as possibilidades de uma alfabetização contextualizada, inspirada na perspectiva freireana das palavras geradoras, articulada às contribuições de Magda Soares e fundamentada nos princípios e no amparo legal da Educação do Campo. A questão que orienta a discussão é: de que maneira palavras relacionadas à realidade rural dos estudantes podem tornar o processo de alfabetização mais significativo e eficaz em uma turma multisseriada de 1º e 2º anos? Em termos metodológicos, trata-se de um relato de experiência pedagógica, estruturado a partir da construção coletiva de um banco de palavras do universo rural e de um percurso didático em

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Perspectivas Contemporâneas em Ensino da Universidade Federal de Ciência e Inovação do Rio de Janeiro - UFCI, jennifer.costa@aluno.cefet-rj.br.

oito etapas, adaptado ao nível de escrita de cada estudante. Como será apresentado adiante, a experiência obteve resultados positivos, com avanços expressivos no desenvolvimento da leitura dos alunos. Conclui-se que a alfabetização contextualizada, inspirada em Freire e articulada à Educação do Campo, mostrou-se um caminho consistente para turmas multisseriadas, ainda que os limites de um relato situado devam ser reconhecidos.

## METODOLOGIA

A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Padre José Eugênio Correa, zona rural do município de Rio Preto, Minas Gerais, em uma turma multisseriada que reúne estudantes do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental que possuem diferentes idades e níveis de apropriação de escrita sob a responsabilidade de uma professora, o que constitui um desafio para o planejamento didático, mas também favorece a colaboração entre os estudantes. Para essas crianças, a realidade rural não é apenas o local onde a escola está situada, mas constitui parte de sua vida cotidiana. As relações com a roça, os animais, as estradas, a chuva, a lama, o barro, o sítio e a fazenda fazem parte de suas experiências concretas; desconsiderar esse universo poderia produzir uma distância desnecessária entre o conhecimento escolar e os saberes que os alunos já possuem. Diante disso, a prática buscou partir do conhecimento prévio das crianças (FREIRE, 1996), transformando palavras já conhecidas em material para a aprendizagem da leitura e da escrita significativas.

A prática desenvolvida teve como ponto de partida a construção coletiva de um banco de palavras relacionadas ao universo rural dos estudantes: cavalo, roça, curral, chuva, mato, montanha, lama, barro, estrada, capim, galo, galinha, porco, fazenda e sítio. A aplicação seguiu uma estrutura pedagógica organizada nas seguintes etapas, adaptadas ao nível de escrita de cada estudante: a) escuta e pesquisa do universo vocabular das crianças; b) seleção da palavra geradora, significativa para a turma; c) apresentação de uma imagem ou cena que representasse a palavra, como ponto de partida para o diálogo; d) diálogo problematizador sobre as experiências das crianças; e) exploração da palavra escrita, com reconhecimento de letras e sons; f) decomposição silábica e formação de novas palavras, respeitando o nível de cada criança; g) produção de frases e pequenos registros escritos; h) releitura de mundo, fechando o ciclo entre leitura da palavra e leitura de mundo. A organização multisseriada foi considerada em cada etapa, onde os alunos do 1º ano dedicavam-se ao reconhecimento de letras, sons e sílabas e à leitura de palavras, enquanto os do 2º ano avançavam para a leitura de frases e a produção de pequenos textos, a partir de um mesmo eixo temático.

ISSN: 2358-8829

## REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire ocupa lugar central na fundamentação desta experiência. Em sua perspectiva, o educando não deve ser compreendido como alguém que simplesmente recebe informações (FREIRE, 1987); o processo educativo precisa considerar os sujeitos, suas experiências e a realidade social na qual estão inseridos. Na proposta freireana, as palavras geradoras relacionam-se ao universo vocabular e à realidade dos educandos: não são escolhidas apenas como unidades linguísticas, mas por possuírem significado para os sujeitos e por poderem provocar conversas, problematizações e reflexões sobre o mundo vivido (FREIRE, 1967). É preciso destacar, ainda, que o trabalho com crianças pequenas não pode ser tratado como simples reprodução do método histórico de alfabetização de adultos concebido por Freire; propõe-se uma apropriação pedagógica de seus princípios — partir da realidade dos educandos, investigar seu universo vocabular e articular leitura do mundo e leitura da palavra — combinada às práticas atuais de alfabetização dos anos iniciais.

A formulação segundo a qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989) é fundamental para compreender a escolha pedagógica adotada: antes de dominar a leitura convencional, a criança já interpreta pessoas, objetos e relações sociais, e a alfabetização pode dialogar com essa leitura anterior do mundo. Ao utilizar palavras como "roça", "curral", "estrada", "chuva", "barro" e "montanha", a professora não buscou apenas facilitar a memorização, mas fazer com que a alfabetização partisse de referências que as crianças já reconheciam, aproximando-se do movimento freireano de partir da realidade, explorar a palavra em sua dimensão escrita e retornar ao contexto com novas possibilidades de leitura.

As pesquisas apresentadas por Magda Soares (2004, 2020) também contribuíram para ampliar a compreensão da experiência relatada; a autora diferencia, sem separar, alfabetização e letramento: alfabetizar envolve a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, enquanto letrar envolve a inserção do sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita. Quando a palavra "estrada", por exemplo, é explorada em seus aspectos sonoros e gráficos, ela permite o reconhecimento de letras e sílabas e, ao mesmo tempo, remete aos caminhos que as crianças percorrem e às experiências de sua comunidade. A contribuição de Soares permite compreender que uma alfabetização significativa não consiste em abandonar o ensino sistemático da leitura e da escrita, mas ensiná-lo de maneira articulada às práticas sociais de linguagem.

A experiência relatada também dialoga com a Educação do Campo, compreendida não apenas como modalidade de ensino em áreas rurais, mas como projeto político-pedagógico que reivindica o reconhecimento da identidade, da cultura e dos saberes das populações do campo. Arroyo, Caldart e Molina (2004) e Caldart (2008) destacam que a escola do campo não deve ser tratada como versão reduzida da escola urbana, mas como espaço legítimo de produção de conhecimento vinculado ao trabalho e às relações sociais das comunidades rurais. Esse debate encontra amparo legal na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), cujo art. 28 determina que, na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promovam as adaptações necessárias à sua adequação, considerando conteúdos curriculares e metodologias apropriados às reais necessidades dos alunos da zona rural e a adequação à natureza do trabalho no campo (BRASIL, 1996). Na mesma direção, a Resolução CNE/CEB nº 1/2002 institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002), e o Decreto nº 7.352/2010 institui a Política de Educação do Campo (BRASIL, 2010), reafirmando o compromisso do poder público com uma educação que respeite a identidade das populações rurais. É a partir dessa fundamentação teórica e legal que a experiência aqui relatada se justifica: mais do que uma escolha metodológica pontual, o uso de palavras geradoras do universo rural representa uma forma concreta de dar cumprimento ao direito dessas crianças a uma alfabetização que seja significativa e dialogue com sua realidade e saberes culturais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do método das palavras geradoras na turma multisseriada de 1º e 2º anos produziu resultados positivos e significativos para o processo de alfabetização dos estudantes, que, de modo geral, desenvolveram a leitura de maneira consistente, avançando do reconhecimento de letras e sílabas isoladas para a leitura de palavras completas e, no caso do 2º ano, para a leitura e produção de pequenas frases, acompanhados de maior autonomia na escrita e interesse no conteúdo.

Um dos aspectos mais relevantes observados foi o engajamento das crianças diante de palavras que faziam parte de seu cotidiano. Ao reconhecerem termos como "cavalo", "roça", "galinha" ou "sítio", os alunos demonstravam maior interesse e segurança para participar das atividades, o que valida a ideia freireana de que a palavra conhecida funciona como ponte entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento escolar e, dessa forma, os estudantes não apenas memorizaram o traçado das letras, mas atribuíram sentido ao que liam, conforme

ISSN: 2358-8829

aborda a perspectiva de Soares (2004) sobre a necessidade de articular o ensino do sistema de escrita às práticas sociais de leitura e escrita. Os resultados também confirmam a pertinência de organizar o trabalho a partir dos princípios da Educação do Campo, pois, ao evitar tratar o vocabulário rural como inferior ao vocabulário urbano tradicionalmente presente nos materiais didáticos, a prática valorizou a identidade e a cultura das crianças, dialogando diretamente com o que preveem o art. 28 da LDB e a Resolução CNE/CEB nº 1/2002 (BRASIL, 1996, 2002).

Além disso, a organização multisseriada, que poderia representar um obstáculo, mostrou-se compatível com a proposta de explorar a mesma palavra geradora em diferentes níveis de complexidade, permitindo atender simultaneamente aos estudantes do 1º e do 2º ano, sem fragmentar excessivamente o planejamento das aulas. É importante, no entanto, reconhecer os limites deste relato: trata-se de uma experiência pedagógica situada em uma realidade específica, desenvolvida pela própria professora, e não de uma investigação experimental capaz de afirmar que o método produzirá resultados idênticos em outras escolas. O que se pode sustentar é que a experiência oferece elementos consistentes para pensar uma alfabetização contextualizada e com êxito em turmas multisseriadas de escolas rurais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência apresentada neste trabalho teve como princípio aproximar a alfabetização da realidade vivida pelos estudantes de uma turma multisseriada de 1º e 2º anos de uma escola rural. A utilização de palavras relacionadas ao cotidiano dos alunos possibilitou construir atividades de leitura e escrita a partir de referências que faziam sentido para as crianças, resultando em avanços expressivos no desenvolvimento da leitura e em uma alfabetização significativa para o grupo.

Paulo Freire constitui o principal referencial da proposta, pela compreensão da educação como prática dialógica (FREIRE, 1987) e pela utilização das palavras geradoras vinculadas ao universo dos educandos (FREIRE, 1967); Magda Soares (2004, 2020) contribui para compreender que a alfabetização precisa envolver o ensino do sistema de escrita articulado às práticas sociais de leitura e escrita. Já os estudos de Arroyo, Caldart e Molina (2004), de Caldart (2008) e de Fernandes, Cerioli e Caldart (2004), somados ao amparo da LDB, da Resolução CNE/CEB nº 1/2002 e do Decreto nº 7.352/2010 (BRASIL, 1996, 2002, 2010), reforçam que essa articulação é um caminho coerente com o direito das populações do campo a uma educação que respeite sua identidade e sua diversidade. Conclui-se, assim, que a

experiência das palavras da terra confirma o potencial de uma alfabetização contextualizada e fundamentada, capaz de produzir resultados exitosos em turmas multisseriadas de escolas do campo.

Sugere-se, por fim, que novas pesquisas acompanhem a aplicação de palavras geradoras em outras turmas multisseriadas do campo, com instrumentos sistemáticos de avaliação da leitura e da escrita, de modo a ampliar a compreensão sobre o alcance e os limites da proposta.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Palavras geradoras; Paulo Freire; Educação do Campo; Turma multisseriada.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica C. (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF: MEC/CNE, 2002.

CALDART, Roseli Salete. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (org.). **Campo, políticas públicas, educação**. Brasília: INCRA/MDA, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional "Por uma Educação Básica do Campo": texto preparatório. In: ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica C. (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.